



A ARTE

MUSICAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Praça dos Restauradores, 43 a 49
LISBOA

A ARTE MUSICAL
Publicação quinzenal de musica e theatros
LISBOA

SOCIEDADE DE CONCERTOS E ESCOLA DE MUSICA

FUNDADA EM 1 DE JULHO DE 1902

Séde : **Rua do Alecrim, 17, 1.º**

(Junto ao Caes do Sodré)

Cursos nocturnos

As aulas abriram a 1 de outubro e fecham a 31 de julho

A matricula geral começa a 15 de setembro continuando aberta todo o anno lectivo.

Curso completo do **Conservatorio Real de Lisboa** para alli se fazer exame e cursos da Escola para fazer ou não exame á vontade dos alumnos.

PROFESSORES

*D. Rachel de Souza, Frederico Guimarães, Marcos Garin,
Julio Cardona, Augusto de Moraes Palmeiro, Guilherme Ribeiro,
José Henrique dos Santos, Wenceslau Pinto e Rodrigues Beraud*

Concertos de musica nacional por grande orchestra de 80 executantes e audições de alumnos

A. HARTRODT

Sede HAMBURGO — Dovenfleth 40

Expedições, Transportes e Seguros Maritimos

Serviço combinado e regular entre :

HAMBURGO — PORTO — LISBOA

ANTUERPIA — PORTO — LISBOA

LONDRES — PORTO — LISBOA

LIVERPOOL — PORTO — LISBOA

Serviço regular para a Madeira, Brazil, Colonias portuguezas d'Africa, etc.

Promptifica-se gostosamente a dar qualquer informação que se deseje.

A. HARTRODT — **Hamburgo.**



14 bis BOUL' POISSONNIERE

Commendador da ordem de Christo (1894)

Fabricação annual.....	3:000 pianos
Produção até hoje.....	100:000 »

Exposição Universal de Paris (1900)
 Membro do Jury Hors Concours

A ARTE MUSICAL
Publicação quinzenal de musica e theatros
 LISBOA

FORNECEDOR DAS CORTES DE SS. MM. o imperador da Allemanha e Rei da Prussia.—Imperatriz da Allemanha e Rainha da Prussia.—Imperador da Russia.—Imperatriz Frederico.—Rei d'Inglaterra.—Rei de Hespanha.—Rei da Romania.—SS. AA. RR. a Princeza Real da Suecia e Noruega.—Duque de Saxe Coburgo-Gotha.—Princeza Luiza d'Inglaterra (Marqueza de Lorne).

BERLIN N.—57, JOANNISTRASSE
 PARIS—334, RUE S.T HONORÉ
 LONDON W.—40, WICMORE STREET

LAMBERTINI
Fornecedor da Casa Real
 UNICO DEPOSITARIO
 DOS
 CELEBRES PIANOS
 DE
BECHSTEIN

A. ALABERN
 OFFICINAS DE
 Photogravura e Zincographia
 Avenida D. Amelia, 13—15—17
 (Ao Intendente)

TRIDIGESTINA LOPES
 Preparada por F. LOPES (pharmaceutico)
 Associação nas proporções physiologicas, da diastase, pepsina e pancreatina. Medicamento por excellencia em todas as doenças do estomago em que haja difficuldade de digestão. Util para os convalescentes, debeis e nas edades avançadas.
 PHARMACIA CENTRAL
De F. LOPES
 108, R. DES. PAULO, 110—Lisboa

LISBOA ELEGANTE
 Casa especial de gravatas, collarinhos e punhos.
M. C. ALVES
 NOVIDADES DE LONDRES E PARIS
 15 a 17, Praça de D. Pedro—LISBOA

A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 E 49

Proprietario e Director

Michel'angelo Sambertini

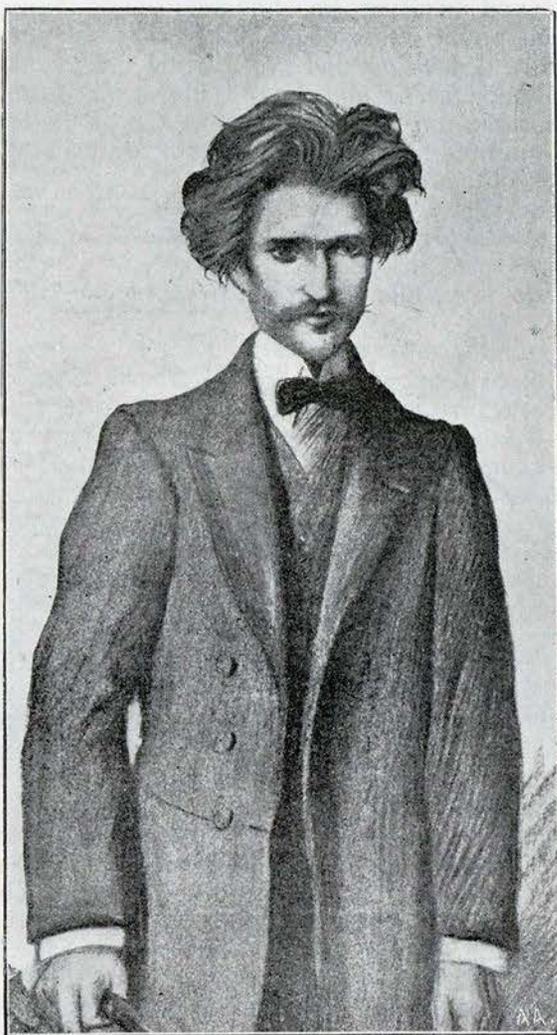
LISEOA

Rua da Assumpção, 18 a 24

Redactor principal e editor

Ernesto Vieira

SUMMARIO: = Jules Boucherit = Um assassinato na Opera de Paris = Os violeiros antigos = Francisco de Lacerda = Notas Vagas = Concertos = Noticiario = Bibliographia = Necrologia.



JULES BOUCHERIT

JULES BOUCHERIT

A biographia d'este moço violinista, que sem embargo dos seus vinte e sete annos goza do invejavel titulo de rival de Jacques Thibaud, póde cifrar-se em duas palavras, talento e estudo; tão forte aquelle, quanto rispido e perseverente est'outro.

Nasceu em Morlaix, departamento do Finistère, um dos da antiga Bretanha. E' portanto Bretão, e tem d'essa forte e indomita raça a tenacidade inquebrantavel, o proposito absoluto de caminhar incessantemente até attingir o seu bello ideal artistico. Desde os primeiros annos instruido e educado musicalmente pela propria mãe, excellente musica, por motivo de transferencia da familia, de Morlaix a Paris, entrou no Conservatorio d'esta ultima cidade, com pouco mais de doze annos, matriculando-se desde logo nas classes superiores de violino, e arrancando apoz o primeiro anno de curso um 2.º premio na classe. No anno immediato, contando quinze annos apenas, obteve o 1.º premio, sem embargo de que n'esse anno foi tão prodigo de discipulos notaveis o curso, que houve cinco primeiros premios. Boucherit, por unanimidade do jury, alcançou um d'elles.

Perseverando e proseguindo sem cessar no estudo, e avido de attingir o apogeu no seu bello instrumento, Boucherit, ao contrario de tantos, não se deixou adormecer sobre os louros, vendo a cada passo crescer gradualmente o conceito e estima em que era tido.

Assim, logo apoz ter sahido do Conservatorio, foi engajado como violino solo nos concertos Colonne, sem embargo de que no concurso d'admissão tivesse a disputar-lhe o posto nada menos que Jacques Thibaud. Em virtude do merito relevantissimo dos dois celebres violinistas foram admittidos *ex-æquo*, devendo alternar-se no *pupitre* de violino solo, ora Thibaud, ora Boucherit.

Com a orchestra Colonne percorreu a Belgica, Hollanda e Inglaterra, alcançando em cada uma d'essas *tournées* o mais prodigioso successo.

Em 1894 Louis Diemer que o ouvia pela primeira vez, promoveu em sua propria casa com uma assistencia selectissima, diversas *soirées* musicaes onde todos poderam acclamar o moço artista.

Pouco depois Diemer confiava-lhe a execução do famoso Concerto seu, com a orchestra do Conservatorio, regida por Paul Taffanel. O exito satisfez por completo o publico e o compositor.

Em Paris tocou varias vezes a *duo* com o celebre violoncellista Pablo Casals, em sessões de musica de camara. Igualmente tocou na sala Erard, sob o patrocínio artistico de Diémer e Risler.

Solista continuamente, ora nos Concertos Colonne, ora nos Lamoureux, tem realizado um sem numero d'excursões artisticas atravez toda a França, sendo sempre unanimemente acclamado.

Não menos applaudido em Londres, onde alcançou um dos mais assignalados triumphos, que n'estes tempos os habitantes da capital ingleza têm consagrado a artistas extranhos. Por essa occasião toda a imprensa londrina, e dos mais paizes, occupou-se nos mais lisongeiros termos de Jules Boucherit.

Bastante parecido nas linhas physionomicas com o seu emulo e intimo amigo Thibaud, as suas qualidades predominantes são a sobriedade do jogo, contrastando com a vivacidade calida da execução; grande sonoridade, a par da mais delicada expressão, e como resultante total um grandissimo encanto em todo o auditorio que o escuta.



Um assassinato na Opera de Paris

E' demasiado sabido que a opera franceza desde que foi legalmente instalada por cartas patentes de Luiz XIV, datadas de 28 de junho de 1669, na sala do *jogo da péla* da rua Mazarine, em frente da rua Guenegaud, sala que para esse fim foi convenientemente transformada, foi por diferentes motivos, e em diferentes epochas, reconstruida, e nem sempre no mesmo local. Por motivo de incendio, tres vezes foi de novo edificada, uma vez porem foi o edificio em que funcionava, destruido, sem que qualquer desastre para isso contribuisse, sem que a sua deficiencia o determinasse, antes pelo contrario, a sala, pelo seu local, pelas suas condicções e mesmo belleza esthetica satisfazia completamente ao fim para que fôra construida. Um motivo que não estava previsto, que hoje não teria decerto, os mesmos effeitos, pela epocha em que se deu, foi o bastante para a demolição de um bello edificio, acarretando enormes despezas e transtornos.

Em 13 de fevereiro de 1820, um dos dias de carnaval, (não sei qual, que o digam os chronologistas), constava o spectaculo da opera de Paris, então funcionando na praça Louvois, dos bailados: *Le Carnaval de Venise* e *Les Noces de Gamache*, acompanhando

dos da opera n'um acto *Le Rossignol*, de Etienne, e musica de Lebrun, opera que fez successo no tempo, e que deu mais de cem representações em quatro annos ¹.

Assistia ao espectáculo o Duque Fernando de Berry, segundo filho do Conde de Artois, depois Carlos X, e quando eram pouco mais ou menos onze horas da noite, desejando a duqueza sua esposa, a princeza Carolina de Napoles, regressar ao palacio, o duque acompanhou-a até á sua carruagem, e no momento em que reentrava no theatro, foi apunhalado por um tal Louvel, fanatico politico que pretendia extinguir a raça dos Bourbons. O duque foi transportado immediatamente para a sala da administração do theatro, e depois de soccorrido, e ter experimentado alternativas de allivios e soffrimentos, expirou pela madrugada de 14, depois de ter recebido todos os Sacramentos da Egreja.

Antes de expirar teve a generosidade de perdoar ao seu assassino. O Duque tinha 42 annos, e havia emigrado com sua familia no começo da revolução, servindo no exercito do príncipe Condé (não confundir com o grande Condé), e regressara a França com seu pae em 1814, casando em 1816.

Resta agora explicar como este facto, um assassinato, foi causa da demolição do theatro. Quando o duque foi pelos medicos chamados na occasião, considerado em estado desesperado, tratou-se logo, a pedido do mesmo duque, e por conselho das pessoas presentes, de lhe ministrar os Sacramentos. Ora o theatro foi sempre considerado pela Egreja como um logar dos mais profanos, um logar de perdição, os actores foram mesmo objecto de excommunhão, não me recorde por qual pontifice, e o arcebispo de Paris, Mons. Jacintho de Quelen, começou por não consentir na entrada do viatico no edificio da Opera, e só attendendo ás instancias da côrte, e á alta cathegoria da pessoa de quem se tratava, decidiu consentir, com a condição expressa, de que a sala da Opera não mais seria aberta ao publico. Assim se cumpriu, e o theatro foi condemnado e demolido mais tarde, indo funcção provisoriamente na salla Favart em 19 d'abril seguinte.

A salla Louvois havia sido construida em 1792 por M.^{lle} Montausier, teve primeiramente o nome de *Theatro Nacional* e depois

Theatro das Artes. Em 1794 o Comité de Salvação Publica decidiu que a Opera Nacional fosse para este theatro, na Rua da Lei, proximo da Bibliotheca Nacional. A posse do theatro foi tomada violentamente, e a sua proprietaria em virtude das difficuldades oppostas, foi preza. Mais tarde foi solta, e recebeu de indemnisação a quantia de oito milhões... em assignados ¹!

O edificio era magnifico, tinha façadas para cada uma das quatro ruas que o circundavam. A frente tinha um bello portico de onze arcos, por cima do qual era o foyer. O vestibulo que tinha onze toezas de comprimento era decorado por columnas doricadas que sustinham o tecto. A sala tinha 60 pés de diametro. Por detraz da platéa havia frizas com rotulas para os *envergondados*, trez ordens de camarotes, e ainda duas ordens acima da cornija. O proscenio tinha 40 pés de abertura.

O foyer tinha onze janellas para a frente do edificio, era magnico, decorado com columnas jonicas e communicava com todas as ordens de camarotes ².

Eis como por um prejuizo estúpido, desapareceu um bello theatro. Como as coisas tinham mudado em tão poucos annos! Que succederia hoje em caso identico?

ARTHUR NOGUEIRA.

OS VIOLEIROS ANTIGOS

(Continuação de uma serie de artigos publicados nos n.^{os} 107, 110, 111, 112, 113, 117, 120 e 125)

GASPARO DA SALÓ

Já expusemos o motivo por que fomos obrigados a inverter a ordem chronologica d'estas notas, reservando para o fim os violeiros de Brescia, que no dizer da maioria dos escriptores, foram os verdadeiros creadores do violino, na sua forma actual e os fundadores da arte italiana de fabricar instrumentos de corda.

Se este ligeiro estudo podesse ter o desenvolvimento que desejaríamos poder dar-lhe, remontariamos as nossas investigações até aos Kerlino de Brescia, aos Dardelli de Mantua ou aos Duiffoprugcar de Bolonha, que viveram nos seculos xv e xvi e que com mais ou menos probabilidade se

¹ Tinha esta opera um solo de flauta muito brilhante e complicado, em que era sempre muito applaudido o celebre flautista João Luiz Tulou, que durante mais de 40 annos tocou na orchestra da opera de Paris e morreu em 1865 com 79 annos. Foyers et Coulisses. Opera. 1875.

² Foyers et coulisses, Opera. 1875.

³ Description de Paris et de ses Edifices. J. G. Le-grand et C. P. Landon. Paris 1809.

citam como inventores da *viola de 4 cordas*, precursora da moderna rebeca. Mas o estudo d'esses primitivos levar-nos-hia a demoradas considerações, que seriam exorbitantes no acanhado quadro d'uma simples revista e que acabariam por fatigar demasiadamente os nossos leitores.

Basta portanto que suppunhamos em Gasparo da Saló (1542-1609) o iniciador d'essa serie não interrompida de esforços e tentativas que assignalaram os seculos XVI, XVII e XVIII, como o mais brilhante periodo da historia d'esta industria.

Na obra de Gasparo da Saló figuram violinos, violas e *violoni* ou sejam baixos de viola.

Attribuem-lhe diversos investigadores a substituição dos antigos ouvidos, em forma de crescente, que caracterisava as primitivas violas, pelos *ff* com o feição que hoje lhe conhecemos. Diz-se tambem que ou fosse de Gasparo da Saló ou de Duiffoprugcar, nasceu na Italia por esse tempo a ideia de fixar em quatro o numero das cordas do violino e dar-lhe a afinação em quintas que ainda hoje se conserva.

Em uma estampa que temos á vista reproduzindo uma rebeca de Gasparo, a personalidade do auctor é accusada pelos mais insignificantes promenores. A curvatura do tampo nasce proximo dos bordos do instrumento: os *CC* são bastante alongados e terminam em angulos muito accusados: os *ff* são ponteagudos, mas muito abertos e collocados quasi parallelamente: o verniz é quasi preto.

Gasparo da Saló fabricou grande numero de contrabaixos e violetas, que são hoje, bem como os violinos, de uma extrema raridade.

MAGGINI

João Paulo Maggini, que trabalhou de 1590 a 1640 é um dos mais brilhantes ornamentos da escola de Brescia.

São finísimos os seus violinos e sustentam, sem desdouro, a comparação com os melhores que se fabricaram em Cremona mais tarde.

Inspirou-se evidentemente nos processos de Gasparo, introduzindo porém varios melhoramentos na fabricação do violino e de outros instrumentos que estavam ainda na infancia.

O modelo preferido por Maggini é grande, os *ff* são longos, muito abertos e admiravelmente collocados, as costilhas são baixas, a voluta se bem que primitiva é ousadamente talhada e indica manifesto progresso sobre a rude execução de Gasparo, o tampo infe-

rior é pouco movimentado e o superior ornado de um filete duplo. O verniz dos seus violinos é umas vezes amarello, outras vezes escuro, mas n'este ultimo caso raramente existe o filete duplo a que acima nos referimos, e que tão imitado tem sido pelos numerosissimos copistas de Maggini. O som é muito suave, mas espesso, avioletado. A quarta corda é sempre d'uma sonoridade exagerada em confronto com a das outras cordas.

De Beriot tocava nos concertos em um exemplar que é reconhecido como o melhor de Maggini e pertence hoje ao principe de Chimay, possuidor tambem d'um violoncello da mesma marca.

Pietro Santo Maggini (1630-1680) era filho do precedente e dizem que se avantajou ao pae no acabamento dos seus trabalhos e na qualidade dos vernizes empregados.

Adoptou tambem o filete duplo e outros embutidos ornamentaes que João Paulo empregava para embelezamento dos respectivos productos.

O unico Maggini que conhecemos entre nós é um formoso exemplar que possui José Relvas e que é attribuido a Pietro Maggini, apesar de ter na etiqueta o nome de João Paulo. De resto, a data de 1662, que se encontra na mesma etiqueta, confirma plenamente essa conjectura.

O fabricante inglez Hill, que é como se sabe um dos mais profundos conhecedores da especialidade, apreciou muito este instrumento.

Consta-nos porém que em poder do Visconde da Carreira, na sua formosa vivenda de Vianna do Castello, tão caracteristicamente portugueza, existe entre outros instrumentos de valor um admiravel Maggini que nada fica a dever aos mais bellos specimens d'esta reputada fabrica.

N'esta rapida resenha das principaes circumstancias que acompanharam a fundação e desenvolvimento da arte de construir os modernos instrumentos d'arco, julgamos não ter esquecido nenhum dos grandes nomes que na Italia illustraram essa arte e que tanto contribuíram para que as obras primas da musica podessem ter uma interpretação condigna na mão dos mais famosos *virtuosos* dos ultimos dois seculos.

Mas antes de proseguirmos n'este desprezioso trabalho, analysando as escolas estrangeiras que mais ou menos se filiaram nas de Brescia e Cremona, importa conhecer, ainda que superficialmente, quaes as causas

da grande preferencia que os instrumentos italianos disfructam unanimemente junto dos conhecedores e dos artistas.

E' indubitavel essa preferencia e todos reconhecem *una voce* a superioridade dos velhos instrumentos italianos sobre quaesquer outros.

A sonoridade é clara, cheia, expressiva. E' tal o seu encanto que o solista que tem a fortuna de possuir um d'esses instrumentos, cuja raridade é cada dia mais notavel, ha de forçosamente preferil-o a todos, quando tiver de apresentar-se em publico.

Quaes serão as verdadeiras causas d'esse encanto de sonoridade, d'essa limpidez de som, d'essa pureza de timbre que inspira o artista e commove os que o escutam?

Não vemos senão conjecturas, mais ou menos verosimeis, os innumerados tratados que do assumpto se occupam.

A forma da caixa harmonica, o padrão, não teve de certo a menor influencia sobre os instrumentos da boa escola; havia-os dos mais variados tamanhos e feitios, uns com uma pronunciada curvatura nos tampos, outros menos bombeados.

Ha alguns bastante irregulares e que parece terem sido construidos com o mais extranhavel desleixo: ha-os até desiguaes dos dois lados.

Os *ff*, cuja influencia é incontestavel, são de uma variedade desconcertante: — longos, curtos, mais ou menos abertos, mais ou menos aproximados.

Diferem tambem muito as espessuras — uns teem os tampos delgados e flexiveis, em outros são rijos e espessos.

Alguns teem sido submettidos a importantes reparações, feitas com mais ou menos consciencia. E comtudo, todos esses instrumentos apresentam pela sua sonoridade um tal caracter de analogia, que por pouco que o ouvido esteja exercitado na analyse dos timbres musicas de diversa indole, reconhece-se facilmente o *som italiano* de todo aquelle instrumento que realmente provenha das afamadas fabricas da Italia.

Sobretudo em meados do seculo xix fizeram-se numerosas diligencias e estudos para descobrir a razão d'essa mysteriosa superioridade e desvendar tão extraordinario segredo.

O sabio Savart, a quem se devem importantes descobertas acusticas, attribuia a excellencia dos instrumentos italianos ás condições de sonoridade inherentes ás madeiras empregadas e á massa d'ar que se contem no respectivo corpo.¹

Vuillaume pretendeu tomar em conta o previo ensaio das madeiras.

Mas tudo leva a crêr que os velhos violeiros, mais artistas e homens de observação que propriamente sabios, contassem com elementos de mais fecundo resultado, do que uma formula secca e fria.

E' evidente que o feitio da caixa sonora, a dimensão e a espessura dos tampos teem uma influencia apenas relativa no resultado final e conduzem quando muito a uma diversidade de timbres e á obtenção mais ou menos perfeita da egualdade em todos os registros sonoros.

A causa primordial deve residir na escolha das madeiras e dos vernizes.

E' positivo que quando se examina attentamente um instrumento da grande epoca italiana e depois de o abrir, reconhece-se um aspecto particular na madeira do interior. No platano não é talvez sensivel a differença e o bello platano que actualmente existe na Austria é nomeadamente na Bohemia aproxima-se de uma forma notavel do que empregaram os grandes mestres. Já não dizemos o mesmo do pinho com que construíam o tampo harmonico; esse tem um tom notavelmente colorido e manteve aavez dos tempos uma consistencia excepcional, constatando-se alem d'isso a ausencia de certas fibras ou veios rijos que caracterizam o pinheiro actual e que n'aquelle se não encontram.

Teriam porventura os violeiros italianos uma variedade de coniferas que hoje já não existem?

Não nos parece inverosimil a hypothese e ha varios especialistas que attribuem o esplendor do periodo dos Amati, dos Guarnerius e dos Stradivarius ás madeiras especiaes de que esses famosos fabricantes podiam dispor.

O *verniz* era tambem um factor da mais alta importancia e deve notar-se que a industria de fabricar rebecas começou a decahir sensivelmente a par e passo que os antigos processos se iam abandonando.

São de uma extrema difficuldade as analyses chemicas nos velhos instrumentos da boa epoca: não sómente por terem hoje demasiado valôr para que se submettam a experiencias que os deteriorisariam, mas principalmente porque o tempo se encarregou ha muito de oxidar as resinas empregadas pelos antigos mestres, bem como o vehiculo que serviu para as dissolver.

Mas pelo estudo que se tem feito do adiantamento das industrias n'aquellas epocas, sabe-se que se empregava exclusivamente o verniz d'oleo.

Em meados do seculo xviii foi substi-

¹ A sua theoria encontra-se descripta no *Stradivarius* de Fétis.

tuido este preparadô macio e ductil, mas muito difficil de seccar, pelo verniz de espirito de vinho, que secca immediatamente e pèrmite entregar o instrumento poucos dias depois da sua applicação.

Ora é justamente a partir d'essa epoca que a sonoridade emagrece e apesar de ganhar em facilidade e em finura apoz um prolongado uso, é certo que não chega a realizar a amplidão e a puresa dos tempos aureos.

Assim, muitos dos nossos *luthiers* contemporaneos já voltam a empregar os vernizes gordos ou pelo menos a mistura de determinadas essencias com uma certa quantidade de oleo.

Quer isso dizer que se voltasse a descobrir o segredo de Cremona?

Nem por sombras. Reconhece-se, é certo, nos productos modernos as côres que vagamente se assemelham ao modelo, o amarello por baixo, o vermelho ou o castanho escuro na camada superficial; mas que differença dos reflexos dourados e luminosos das obras primas do passado!

São as camadas inferiores do verniz, aquellas que se applicam directamente sobre a madeira e que constituem o preparo ou *fundo* do aparelho, as que mais vivamente attraem a attenção do estudioso. A camada superficial, de tons mais fortes, visa principalmente a dar um agradável aspecto ao instrumento e tende mesmo a desaparecer com o uso e com a fricção.

Attribue-se portanto ás primeiras camadas do verniz uma importancia capital e todo o segredo parece residir na combinação das substancias que constituem essas camadas com a madeira sobre a qual ellas foram applicadas e que recebeu nos seus póros uma boa porção d'essas substancias.

Querem muitos que a prolongada vibração de um longo exercicio não seja extranha aos melhoramentos com que a idade beneficia os bons instrumentos d'arco e dizem até que lhes fica, como que impresso, o talento do mestre e a aptidão para reproduzir os effeitos a que a mão do *virtuose* os habituou.

Sem querermos agora discutir essa premissa, um tanto arrojada, podemos avançar, como facto comprovado e certo, que o instrumento novo ou durante muito tempo fóra de uso tem uma sonoridade aspera e mais ou menos desagradavel que só com um exercicio constante se vae pouco a pouco melhorando e adoçando.

Tem-se pensado até nos ultimos tempos em produzir mecanicamente o mesmo resultado, submettendo durante alguns minutos o instrumento, diríamos quasi o paciente, ás intensissimas vibrações dos raios X.

Esse assumpto faz objecto de um bellissimo artigo que o Dr. Esteves Lisboa inserio no nosso n.º 124 e que nos dispensa quaesquer outras referencias.

Afora os factores que apontamos — madeira, verniz e uso — é possivel que tambem o clima influisse favoravelmente na perfeição dos instrumentos italianos.

No andar superior das suas officinas tinham os antigos violeiros uns terrados especiaes em que os instrumentos seccavam sob a acção do ar; alguns mezes do verão lhes bastavam para conseguir o resultado que em outros paizes exigia um anno.

Hoje a operação effectua-se em estufas, processo artificial cujo resultado está longe de igualar a acção da propria natureza.

O conjuncto de circumstancias, que raramente esboçamos, algumas meramente hypotheticas, são as unicas que em boa verdade se podem adduzir para explicar a manifesta superioridade dos instrumentos italianos sobre todos os outros que até hoje se teem fabricado.

Serão essas as verdadeiras causas? Serão as unicas? Eis um denso mysterio que só a sciencia do futuro nos poderá desvendar.

(Continúa)

L.

Francisco de Lacerda

A *Revue Musicale*, interessante quinzenario que se publica em Paris, sob a direcção de Mr. Louis Laloy, tendo aberto um concurso para premiar a mais notavel composição de dansa que se apresentasse, recahiu a escolha do jury no original do nosso illustre compatriota Francisco de Lacerda, que tão elevadamente está representando na capital da França a Arte portugueza. Publicando a composição laureada, inseriu igualmente no seu numero de 1 de abril o retrato do nosso talentoso amigo, bem como uma curta noticia, na qual são succintamente apontados as diversas étapes gloriosas da sua carreira musical.

Francisco de Lacerda, cuja paixão pela musica lhe fez pôr de parte os estudos scientificos que primeiramente abraçára, reside em Paris desde o anno de 1895, onde successivamente, a contar do 1897 se viu honrado pela escolha do celebre maestro francez Vincent d'Indy, para director do seu curso de ensemble vocal e preparação de concertos, na *Scola cantorum*. Em 1902 fundou, por iniciativa propria, um curso de orchestra, exclusivamente composta de amadores, que

atingiram já, nas respectivas execuções, o titulo e conceito que tantos outros mais exercitados ainda estão longe de alcançar. Ajuntemos com a maxima satisfação, que d'Indy classificou o nosso compatriota um director d'orchestra por instincto e dom natural, distincção assás conceituada, partindo de tão exigente julgador.

NOTAS VAGAS

CARTAS A UMA SENHORA

LX

De Lisboa

Felicita-me então V. Ex.^a porque me foi dado ouvir esses dois grandes artistas Ysaye e Pugno, e diz-me que se podesse teria cá vindo — só para ver como o nosso publico os recebia.

Pois d'esta vez a sua maliciosa ironia resvala sem attingir ninguem, porque todos nos portámos á altura d'elles: applaudimos com um enthusiasmo sincero e intelligente, e sendo gentilmente expansivos soubemos ao mesmo tempo mostrar-nos desprezenciosamente justos.

Assim, mesmo sob o dominio d'esses dois *charmeurs* não duvidámos estranhar que Pugno, tocando Chopin com a subtil e divina poesia com que o tocou, deliberasse com tudo na opiniao de mais de um delicado espirito, introduzir certas alterações no nocturno com que quiz deliciar-nos, e onde nos permittiu que, embora enlevados, dissentissemos; e que Ysaye não nos houvesse dado n'um dos seus *extras* algum trecho de mais luminosa arte que o aliás terrivelmente complicado e difficilimo logogripho com que nos assombrou mas sem nos commover; elle que no Bach do 1.^o concerto e no Beethoven do 3.^o nos deixára em absoluto dominados pela extraordinaria e inexcedivel grandeza da sua technica, onde não se sabia que mais admirar: se a perfeita consciencia do interprete se a inequalavel elevação do musico!

Já vê que vibrámos — mas não perdemos a cabeça...

E sabe? O que mais uma vez se concluiu, é que, em verdade, padecemos de muitos defeitos, mas somos susceptiveis de grandes virtudes, e uma d'ellas chamar-lhe-ia eu a virtude deveras apreciavel de respeitar o que merece respeito — até quando nem sempre comprehendemos ou sentimos de egual maneira...

— Imagine a minha amiga se os bonzos que

nos teem governado ha dezenas de annos nos houvessem composto o espirito e enriquecido o sentimento, a que alturas de civilisação nos não encontraríamos todos!

Mas que quer? na sua qualidade de bonzos, não podiam fazer coisa diversa do que, por mal nosso, teem feito, e até desfeito, e eis por que só com intermittencias repetidas e com fortuna varia, vamos seguindo na estrada por onde os outros caminham ovan-tes!

Outro dia, quando assistia aos applausos quentes e convictos com que toda uma sala victoriava os *sympathicos peregrinos* da Grande Arte que vinham aqui dizer nos alguns versiculos da sua Divina Biblia, perguntava a mim proprio mais uma vez porque é que definitivamente nos não resolvemos a ser sempre, e em tudo, o que só somos em determinados instantes, — e por minutos entristeci...

Pois logramos comprehender os fecundantes e preciosos prazeres do espirito em mais de uma das suas modalidades, e mingúa-nos a coragem para romper as velhas teias emmaranhadas que ainda nos acorrentam ao passado estreito e inane, e nos impedem de encetar novos trilhos e novas formulas?

E' isto crível?

Não atino com a resposta.

Todavia eu persisto esperando, e como dia a dia augmentam os nucleos onde o Ideal domina, julgo que afinal anteporemos a esse passado a que alludo um Futuro que a todos nos redima e nos sorria...

De cada canto vem surgindo os luctadores a desfraldar pendões diversos; para uns a sua dama é a pintura, para outros a musica, para estes a sciencia, para aquelles a industria, mas emfim agitam-se.

Hontem a sociedade Silva Porto dava-nos mais uma das suas exposições, bemdito fructo de uma propaganda efficaç e benemerita, e os dois expositores Manoel Saude e Falcão Trigoso appareciam nos dois artistas quasi completos, cheios de progresso na factura, cheios de personalidade na phantasia, e como taes preparando se para dentro de pouco inscreverem seus nomes por baixo de verdadeiras obras de mestres incontestados.

Hoje canta me ainda aos ouvidos o embalador rythmo dos versos de Junqueiro, abençoando, sagrando, divinizando a Luz, filha de Deus e mãe dos mundos ..

E amanhã talvez que algum d'aquelles que seguiu attento a lucida e interessante conferencia de Ernesto Vieira sobre esse immortal Mozart, predestinada creança que os homens ainda de todo não entenderam

bem, haja sentido germinar-lhe no cerebro a boa semente de qualquer nobre commettimento por sobre o qual a Arte tenha entornado a sua poalha d'ouro, emquanto um ou outro, dos que n'esta mesma noite em que lhe escrevo foram assistir á magistral lição de Silva Telles sobre as coisas do Oriente, verá acaso desfiar-lhe pela imaginação, mas effectivando-se em actos, o generoso sonho de um Portugal differente, rico feliz, instruido, graças á descoberta maravilhosa d'algum superior thesouro que sendo de ventura para a terra e de pacificação para as almas, sobretudo seja para nós o inicio de uma nova era.

Aqui tem, boa amiga, como fundindo ou combinando estas varias sensações, chego a crear para mim proprio um inestimavel e dulcissimo goso, que de algum modo me compensa das contrariedades e das decepções da vida; em consequencia do que, descrente, volto a crer, desilludido torno a illudir-me, apathico consigo ás vezes reagir contra a apathia, e assim me surprehando depois, imaginando este pedaço de globo em que habito regenerado da mancha ignominiosa da baixa politiquice, transfigurado pelo Amor, enaltecido pela Belleza, salvo em suma pela Bondade...

De tudo isto parece evolar-se uma insinuante, uma inconfundivel musica feita de estrellas, de flôres, de beijos, de coisas claras e castas, emfim, e com ella procuro supprir a falta da outra, que ai de nós, nem sempre como sabe, desce até esta, apesar de tudo, florida e cariciosa terra em que nascemos...

AFFONSO VARGAS.

CONCERTOS

Na noite de 6 do corrente realisou-se no Salão Nobre do Theatro do Principe Real do Porto a festa artistica do notavel violinista Julio Caggiani.

Eis o programma d'esta magnifica sessão:

Primeira parte — «Allegro da 1.^a sinfonia», pelo sexteto, Beethoven; «Capricho», para violino, por J. Caggiani, Guiraud; «Non dir di no», para canto, pelo sr. J. de Brito, Gastaldon; «A Walsa», versos pelo sr. Baptista Machado, B. Machado; «Aubade», para violino e violoncello, pelos srs. C. Quilez e J. Caggiani; «Louise» (selecção), pelo sexteto, Charpentier.

Segunda parte — «Dança macabra», pelo sexteto, Saint-Saens; «Non t'amo piu», para canto, pelo sr. J. de Brito; «Serenata», para 4 violinos e piano, pelos srs. Henrique Carneiro, Benjamim Gouveia, A. B. de Castro, J. Caggiani e Xisto Lopes, C. de Cardoso; «Imitações dos mais distinctos actores portuguezes», pelo sr. J. Prata; «Rondó Capriccioso», para piano, pelo sr. P. Blanco, Mendelssohn; «Dança das bruxas», para violino, por J. Caggiani, Bazzini.



Na noite de 9, teve logar no *Atheneu Commercial* de Braga um optimo sa au musical, organizado pelo professor Raul Angelo e constituido pelas suas discipulas, D. Corina Marques, D. Henriqueta da Costa Lima, D. Narcisa Ramos, D. Albertina Nunes de Sousa, D. Maria da Conceição Moura, D. Alice de Carvalho, D. Maria Augusta Braga, D. Theresa Marques, D. Emilia de Almeida e D. Alcina de Oliveira, tocando tambem um solo de violino o sr. João Velho da Cunha Sottomayor e trechos de canto as sr.^{as} D. Julieta e D. Virginia Barbosa Castro.

Tanto o organisador como as distinctas amadoras que acabamos de enumerar receberam valiosos brindes da direcção do *Atheneu*.



O 2.^o concerto-conferencia promovido pela prestante *Academia de Estudos Livres* teve logar a 10 no Salão do Conservatorio e era, como se sabe, especialmente destinada a historiar e exemplificar a obra tão vasta quão fundamentalmente bella do divino Mozart.

Foi orador o distincto musicologo Ernesto Vieira, que com palavra singela e fluente descreveu a accidentada vida do grande musico, desde os seus triumphos de creança excepcionalmente precoce até ao doloroso epilogo do campo santo, onde o corpo do genial artista é atirado, sem maior cerimonia, ás lugubres promiscuidades da valla commum.

Deu tambem o sr. Vieira uma succinta explicação do que são a *sonata* e o *quarteto*, na sua forma classica, que de resto tem sido mais ou menos respeitada até aos nossos dias, nas suas linhas principaes e mais caracteristicas.

Podiam a nosso vêr a *sonata* e o *quarteto* englobar-se sob a mesma epigraphé e fazer objecto de um unico estudo, visto que o *quarteto*, sob o ponto de vista da concatenação dos seus diversos movimentos e da contextura especial de cada um d'elles, não

é mais que uma *sonata* confiada a quatro executantes. O mesmo diremos do trio, do quinteto, de toda a musica da camara emfim que se nos apresente vasada nos moldes tradicionaes, que constituem o discurso musical e que são tão para respeitar como as divisões que usamos adoptar para o discurso fallado.

Seja como fôr, a exposição do illustre professor foi uma encantadora lição de historia musical que o auditorio soube sublinhar com nutridos applausos.

A parte musical, confiada ás Sr.^{as} D. Virginia Moreira, D. Maria Luiza Martins, D. Aida Freitas e Srs. Hernani Torres, Antonio Gomes, Oliveira Passos e Gregorio Borja Araujo, constou de uma *sonata*, um *trio* e um *quarteto*, alem de dois *lieder* para canto, *La Violette* e *L'Enchantement*.

Felicitemos o grupo de artistas e amadores que nos fizeram uma tão valiosa apresentação da obra mozartiana e muito especialmente endereçamos os nossos emoras á diligente direcção da *Academia*, que não descursa um só momento a instrução do povo e tão nobremente trabalha pela sua diffusão.



No mesmo dia e hora effectuava-se uma festa brilhantissima no magnifico *Collegio Inglez*, superiormente dirigido por Mad.^{me} Rangel Baptista. Consistiu em um concerto,meticulosamente organizado, em que tomaram parte algumas das alumnas e professoras do collegio, bem como amadoras das mais altamente cotadas no nosso meio musical.

Na primeira parte fizeram se ouvir as Sr.^{as} D. Isabel de Mello e Sousa, D. Arcelina Santos, D. Maria Theresa Ferreira, D. Palmyra Mendes, D. Julia Castanheira d'Almeida, D. Eugenia Cardoso e D. Hermelinda Cordeiro, esta ultima em uma *Aria* de Caldara (1671) para canto.

A segunda parte era apenas constituida pela 5.^a *Sonata* de Beethoven, superiormente executada pelas Sr.^{as} D. Palmyra Mendes e D. Alice Dias da Silva, as duas primorosas professoras que toda Lisboa conhece e tem applaudido.

Na terceira figurava a *Sonata em ré* de Mozart pela illustre amadora a Sr.^a D. Belmira Sottomayor, tendo por *partenaire* a propria dona da casa e excellente professora, D. Palmyra Baptista Mendes. Esta ultima, bem como a professora de violino, D. Alice da Silva, tocaram diversos solos de piano e de violino e D. Hermelinda Cordeiro cantou ainda uma *Aria* de Gluck.

Todos os que tiveram a fortuna de assis-

tir a esta encantadora festa ficaram vivamente satisfeitos pela optima musica que tiveram occasião de ouvir e captivados pela affabilidade e gentileza com que foram recebidos.



Na noute de 11 effectuou o professor Rey Colaço em sua casa um sarau musical para apresentação das proprias alumnas.

Estas sessões repetir-se-hão periodicamente na segunda feira da segunda semana de cada mez.



Em 12 no Salão do Conservatorio organisou tambem um sarau de alumnos a *Real Academia de Amadores de Musica*.

Foram executantes as meninas Alice Veiga, Olympia Lopes, Camilla Casais de la Rosa, Braga Santos, Fatima Tamagnini Barbosa, Luiza Coelho de Campos, Alice Ferreira e Herminia Russell, bem como os Srs. Hermano e Alberto Ferreira.

Um grupo de gentis creanças executou sob a direcção do professor Ernesto Vieira alguns côros francezes e italianos, com geral agrado.

Entre os solistas de piano, de rebecca e de canto que tivemos occasião de ouvir n'esta sessão, ha diversos que teem largo direito a uma referencia especial, mas mostraram todos uma tão accentuada boa vontade e um aproveitamento tão notavel, que só lhes podemos fazer um elogio collectivo e felicitá-los pela optima orientação que levam os seus estudos musicas, sob a direcção dos proficientes mestres da *Academia*, sr.^a D. Julieta Hirsch e srs. Hernani Braga, Goñi e Vieira.

Fôra do programma apresentou-se n'este concerto o distincto violinista Ricardo Cosoul, que teve a feliz lembrança de nos fazer ouvir o seu *Melophone*, instrumento em que ha muito ouvimos fallar, mas de cujo effeito sonoro não faziamos a menor ideia.

O *melophone* foi inventado em 1837 por um relojoeiro de Paris chamado Leclerc.

Apezar de ter a forma de uma grande viola, pertence á cathegoria dos instrumentos de vento, com reservatorio e palhetas livres, formando familia com o *accordeon*, concertina etc ¹.

¹ Leclerc occultou durante muito tempo o principio em que baseava o seu Melophone e para desnortear os curiosos tomou a patente de invenção para um instrumento de duplo folle, com chaves e cordas. As cordas lá estavam effectivamente mas é claro que não serviam senão para abrir as valvulas, e dar passagem ao ar que punha em vibração as palhetas.

A caixa do instrumento comporta um duplo folle e um sommeiro onde estão distribuídas as palhetas e as respectivas valvulas para a comunicação do ar.

O folle é posto em movimento pela mão direita do executante, o qual imprime — o movimento de vae-vem a um manipulo collocado exteriormente na parte inferior da caixa e que se chama *arco*.

O braço do instrumento tem sete fiadas de 12 botões cada uma, correspondendo estes a doze sons chromaticamente dispostos e as notas iniciaes de cada uma d'estas escalas chromaticas estão em relação de quintas juntas; assim á successiva pressão dos botões no sentido longitudinal do braço dá 7 escalas chromaticas e no sentido da largura do mesmo braço dá 12 series de quintas justas.

Há alem d'isso uma especie de alavanca na parte posterior do braço, cuja pressão tem por intuito oitavar as notas graves.

O *melophone*, que é hoje quasi completamente desconhecido, teve a sua voga e chegou mesmo a ser empregado por Halévy em uma das suas partituras da opera: no timbre é um mixto de violoncello, clarinete e oboé, predominando o som um tanto *narrillard* d'este ultimo instrumento.

O *melophone* em que o sr. Cossoul nos fez ouvir dois trechos, um com acompanhamento d'instrumentos d'arco e piano e o outro simplesmente com piano, é um bello instrumento antigo de Jacquet, que foi especialista na fabricação dos melophones e obteve importantes recompensas nas Exposições a que com elles concorreu.

O illustre amator possui admiravelmente a technica d'este curioso instrumento e deunos verdadeiro prazer com a sua inesperada apresentação.

Agenda da proxima quinzena

17: — Audição dos discipulos de Thimoteo da Silveira á uma hora e meia da tarde no Salão Sassetti.

Tomam parte as Sr.^{as} D. Bertha Bivar, D. Isabel Gomes, D. Aida da Silveira, D. Maria Rocha Leão, D. Alice Ribeiro, D. Emma Noellner, D. Manuela Santiago, D. Alice Carvalho e D. Felicidade Leão.

Tocarão tambem as Sr.^{as} D. Amelia Costa e D. Maria Bravo, duas antigas discipulas de Thimoteo, que são hoje duas artistas consagradas: a primeira executará a *Ballade* op. 23 de Chopin e a segunda as *Variations symphoniques* de Cesar Franck.

17: — A' noute no theatro de D. Amelia effectua-se a primeira apresentação da *Tuna Commercial de Lisboa*, superiormente en-

saiada e dirigida pelo maestro Miguel Ferreira.

20: — Concerto da *Sociedade de Musica de Camara*, com o seguinte programma:

Quarteto em sol maior	Mozart
Romanza do 20. ^o Concerto	»
Quarteto em sol menor	»

A *Romanza* e o ultimo *Quarteto* serão executados no piano pela illustre amadora-artista, a Sr.^a D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso, que na primeira d'essas obras será acompanhada pelo quarteto d'instrumentos de corda.

O concerto seguinte, que ainda terá logar este mez, constará da *Sonata* de Mendelssohn pelo joven violoncellista Manoel da Silva e pela illustre professora Sr.^a D. Ernestina Freixo, da *Sonata fantastica* para piano solo, de B. Godard, pela talentosa discipula de Thimoteo da Silveira, a Sr.^a D. Amelia Costa e da *Sonata* de Grieg pela Sr.^a D. Elisa Pedroso e professor Benetó.

23: — Festa annual do violinista D. Francisco Benetó. Alem do distincto professor tomarão parte n'este concerto as Sr.^{as} D. Christina Mouchet, D. Africa de Calimerio e os Srs. Rey Colaço, Léon Jamet, Antonio Lamas, Lambertini, Aroldo Silva e Hernani Torres.

24: — *Matinée* de despedida organizada pelo conhecido professor Julio Cardona, que parte em seguida para a viagem a que a *Arte musical* já alludiu.

Tocará o illustre violinista o *Concerto* de Tchaykowski, acompanhado ao piano por Hernani Torres e dirigirá uma orchestra, composta de alumnos seus e outros artistas e que entre outras obras executará a *Marcha imperial* de Ricardo Wagner.

Fará tambem ouvir composições suas: — um *Adagio romantico* para um grupo de rebecas, com acompanhamento de piano e orgão e uma *Preguera* para côros e orchestra.

25: — Grande concerto promovido por D. Guilhermina e D. Virginia Suggia, a favor do cofre das *Escolas Moveis pelo methodo João de Deus*.

Terá logar no Salão da Trindade, mas ignoramos por agora o programma.



DO PAIZ

Depois do bello exito que as nossas compatriotas Guilhermina e Virginia Suggia acabam de alcançar em Baden-Baden e Strassburg, como tivemos occasião de vêr nos

jornaes d'aquellas cidades, tiveram tambem as illustres artistas portuguezas ensejo de apresentar-se em Paris, na sala Pleyel, onde foram alvo de grandes applausos e de lousões os mais rasgados.

No meio do enthusiasmo geral, o ministro portuguez subiu ao estrado e endereçou-lhes os mais calorosos cumprimentos.

E' caso para nos regosijarmos todos e felicitar-mo-nos com intima e viva alegria pela consagração que as sympathicas concertistas acabam de ter no estrangeiro. Lá fóra, nos grandes centros d'arte, onde apenas as maiores celebridades se conseguem impôr, é tão raro fazer-se notado o artista que começa, que só um talento de eleição poderá realizar esse milagre. E vemos realiado um tal milagre em favor de duas artistas nossas, simples e modestas, desajudadas de todo o auxilio, sem agentes, sem recommendações, sem reclamos, unica e simplesmente com a suggestão de um peregrino e excepcional talento!

Tiveram, é certo, a notavel fortuna de ser ouvidas e apreciadas por Eduardo Colonne, em uma sessão intima, e o grande mestre francez, segundo informações particulares que recebemos, resolveu escripturar Guilhermina Suggia para um dos Concertos do Chatelet, na proxima epoca.

Virginia Suggia não perdeu tambem o seu tempo. Por conselho do celebre pianista Luiz Diemer, deu em Paris algumas lições com Victor Staub, que é actualmente um dos professores mais em evidencia na capital franceza, sendo elle de opinião que a nossa gentil pianista perde muito em não começar desde já definitivamente o seu trabalho de aperfeiçoamento.

Consta-nos tambem que as teremos muito em breve em Lisboa, onde virão propositamente para satisfazer a promessa feita em tempos á direcção da *Associação das Escolas Moeis*, de dar um concerto em exclusivo beneficio d'esta prestante sociedade, que, como é sabido, tem por intuito divulgar o ensino da leitura em todo o paiz, por meio de missões.

A demora de Guilhermina e Virginia Suggia em Lisboa será apenas a precisa para realizar este acto de philantropia.



Em uma carta que acabamos de receber dos illustres artistas Raul Pugno e Eugéne Ysaye, mostrannos quanto foram sensiveis ao enthusiasmo com que foram recebidos em Lisboa e pedem-nos para agradecer aos amigos que aqui deixaram e a todo o publico as provas de consideração de que fóram alvo.

«Ce sont des soirées qui resteront gravées dans notre mémoire et dont nous nous rappellerons avec fierté» dizem-nos elles rememorando os seus triumphos...

E para não ficarmos por aqui, em materia de citações, pedimos licença para copiar, como *mot de la fin* o que os dois eminentes artistas escreveram, n'um precioso album de autographos pertencente a uma das mais illustres senhoras da nossa sociedade.

*De l'harmonie dans la conduite
Du rythme dans l'allure
De la mélodie dans la tendresse
Et un beau soleil sur tout cela*

E. YSAYE.

*Et pourquoi pas:
De la conduite dans l'harmonie
De l'allure dans le rythme
De la tendresse dans la mélodie
Avec ce même soleil*

R. PUGNO.



Por uma antiga e sensata disposição de lei permittia-se até hoje em Portugal a todo o artista que aqui viesse de passagem ou para uma curta permanencia, a entrada temporaria do seu proprio instrumento, isentando-o como é natural dos direitos da alfandega e obrigando-o simplesmente a depositar uma determinada somma, como garantia da reexportação.

Quando se tratasse de um violino ou de um trombone, subentendia-se que o seu proprietario seria o portador do instrumento. O pianista porém tem de se fazer preceder pelo seu piano, por varias razões que toda a gente percebe. Em primeiro logar o artista não costuma viajar em comboio de mercadorias e um piano nem sempre pode viajar como bagagem; alem d'isso um piano, apoz uma longa viagem, precisa ser desencaixotado e armado, precisa ser afinado mais de uma vez, precisa muitas vezes ser reparado e desde o momento que chegou conjunctamente com o concertista, muitas vezes 2 ou 3 horas apenas antes do concerto, não ha tempo material para pôr o instrumento em ordem de servir.

Pois a alta sabedoria dos nossos governantes e o zêlo que se não cançam de evidenciar em tudo o que diga respeito ás artes, acabou de revelar-se por uma forma estrondosa, decretando que todo o pianista se faça acompanhar do seu instrumento, se quizer isentar-se dos direitos alfandegarios! Sublime pensamento!

Se quizermos prescrutar as razões que

moveram o sapiente legislador, é que francamente nos veremos um tanto embaraçados.

E senão vejam. Os direitos de um piano importam em 50,000 réis e se se quizer fazer importação temporaria, depositar-se-hão 70,000 réis. Parece portanto que o perigo de ser burlada a alfandega não faria perder a minima parcella do seu precioso somno aos zelosos defensores dos interesses do estado, ainda que o piano houvesse de conservar-se alguns mezes no paiz.

Não o entendem porém assim os sabichões e estão convencidos que com tão preciosa medida se salva agora definitivamente a finança portugueza. Já era tempo!



Seguindo o exemplo dos emprezarios dos theatros de S. Carlos e S. João, e a pedido do sr. Branco Rodrigues, director da Escola de Cegos, o sr. Antonio Santos, emprezario do Colyseu dos Recreios auctorisou a entrada gratuita aos alumnos da referida Escola, durante as recitas da companhia lyrica.



Está em Ponta Delgada o barytono portuguez Mauricio Bensaude.

DO ESTRANGEIRO

O maestro Leoncavallo está dando os ultimos retoques n'uma nova opera, *Roland de Berlin*, que lhe foi encommendada pelo imperador da Allemanha.

Trabalha ha dois annos n'ella e declarou a um jornalista allemão que nada fez até hoje de mais completo e perfeito e que difficilmente se poderá exceder no futuro, em qualquer outro trabalho de composição musical.



O grande tenor João De Reszké acaba de fundar uma escola de canto no seu palacete de Paris, Rue de la Faisanderie, 53.



Recebemos da acreditadissima casa Erard, de Paris, uma publicação recentemente editada, na qual se dá plena posto que succinta noticia da existencia do estabelecimento desde o anno da sua installação em 1780 até ao preterito de 1903. Illustram o

interessante livro um sem numero de gravuras, entre ellas um magnifico retrato do fundador da casa—Sebastien Erard, ao qual se deve grande numero de innovações e melhoramentos no mechanismo do piano, assim como o movimento duplo na harpa e o jogo ou registro expressivo no órgão.

Foi esse illustre mechanico quanto talentoso e diligentissimo fabricante quem estabeleceu em bases inabalaveis a fama e o credito da sua grandiosa manufactura. Os successores procuraram sempre ampliar e progredir o legado que receberam e de ha um seculo que a reputação dos productos da casa Erard é universal, e a maior de quantas similares existem em todo mundo,

Tudo isso se acha compendiado muito succintamente no recente opusculo, cuja offerta agradecemos vivamente penhorados.



Tambem recebemos da *Bibliotheca de traducções*, recente empreza com séde na rua Augusta 138, 2.º, o primeiro volume editado. E' elle o bello romance de Alexandre Dumas, *Actea*, n'um compacto livro de mais de 300 paginas. Seguir-se lhe-ha *Sultanetta*, do mesmo Dumas, filão inexgotavel que a nova empreza fará bem de continuar explorando. Publica uma obra em cada quinzena. Agradecemos a remessa.

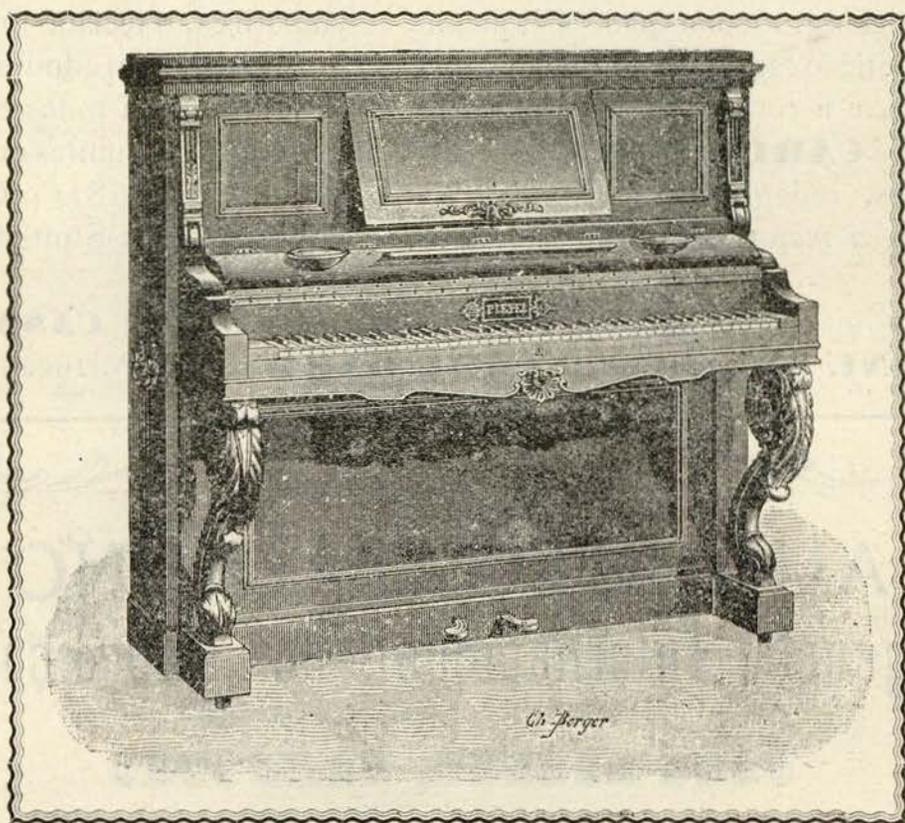
NECROLOGIA

Falleceram durante a quinzena que ora finda os seguintes artistas: *Etienne Dereims*, tenor francez que pertenceu em tempos ás companhias da Opera-Comique e da Opera de Paris, tendo creado no primeiro d'esses theatros o Cinq-Mars de Gounod — *Joseph Rebicek*, mestre de capella da cõrte imperial allemã e director, desde 1897, da Orchestra phylharmonica de Berlim. Era tambem excelente violinista e compositor — *Louisa Pyne*, cantora de opera que teve grande reputação em Inglaterra — o barytono *Charles Durand* que tambem fez a maior parte da sua carreira na Gran Bretanha — *Charles Brivady*, professor do Conservatorio de Genève e flautista distincto — o maestro *Paolo Nani*, pianista e compositor de talento — *Julius Stern*, de Berlim, que era chefe d'orchestra e membro de varias sociedades de musica de camara — e finalmente o tenor *Koschitz*, da opera de Moscow, que se suicidou por ter perdido a voz.

A ARTE MUSICAL
Publicação quinzenal de musica e theatros
LISBOA

PLEYEL WOLFF LYON & C^{IE}

GRANDE FABRICA DE PIANOS E HARPAS
PARIS



HARPA GHROMATIGA SEM PEDAES
(SYSTEMA LYON PRIVILEGIADO)

PIANO DUPLO PLEYEL

(SYSTEMA LYON PRIVILEGIADO)

Inventor: — ENG. GUSTAVE LYON, official da Legião d'Honra
Presidente do jury (classe 17) da Exposição de Paris — 1900

CARL HARDT

FABRICA DE PIANOS—STUTTGART



A casa **CARL HARDT**, fundada em 1855, não construe senão pianos de primeira ordem, a tres cordas, armados em ferro bronzado e a cordas cruzadas, segundo o *systema americano*.

Os pianos de **CARL HARDT**, distinguem-se por um trabalho solido e consciencioso; a sonoridade é brilhante e sympathica, o teclado muito elastico, a repetição facil e o machinismo aperfeiçoado; conservam admiravelmente a afinação, e a construcção é cuidada de fórmula a resistir a todos os climas.

A casa **CARL HARDT**, obteve recompensas nas seguintes exposições; — Londres, 1862 (*diploma d'honra*); Paris, 1867; Vienna, 1873 (*medalha de progresso, a maior distincção concedida*); Santiago, 1875; Stuttgart, 1881; etc., etc.

Estes magnificos pianos encontram-se á venda na **CASA LAMBERTINI**, representante de **CARL HARDT**, em Portugal.

AUGUSTO D'AQUINO

Agencia Internacional de Expedições

SUCCURSAL DA CASA

CARL LASSEN, HAMBURGO

Serviços combinados para a importação de generos estrangeiros

Por via de Hamburgo pela casa Carl Lassen

» » » Anvers » » Carl Lassen

» » » Liverpool » » Langstaff, Ehrenberg & Pollak

» » » Londres » » Langstaff, Ehrenberg & Pollak

» » » Havre » » Langstaff, Ehrenberg & Pollak

EMBARQUES PARA O ESTRANGEIRO E COLONIAS

TELEPHONE N.º 986

End. tel. CARLASSEN — LISBOA

Rua dos Correeiros, 92, 1.º

EDIÇÕES DA CASA
LAMBERTINI

43 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 49
 — LISBOA —

Litteratura musical

Ernesto Vieira: — Diccionario biographico de musicos portuguezes, 2 vol. adornados com 33 retratos, fóra do texto e na sua maior parte absolutamente ineditos, broch.....	4\$000
<i>Encadernado com capas espezias</i>	5\$500
Ernesto Vieira: — Diccionario musical, ornado de numerosas grav., (2. ^a edição)	1\$800
Michel'angelo Lambertini: — Chansons et instruments, renseignements pour l'etude du folk-lore portugais (não está no commercio).....	-\$-
Arte Musical: — Revista quinzenal fundada em 1899 e illustrada com gravuras, cada anno publicado.....	2\$400
<i>Encadernado com capa especial</i>	3\$000
Anuario Musical, fundado em 1900. Luxuosa publicação ornada de muitas gravuras. Cada anno.....	1\$000

Canto e piano

Pereira: — Natus est Jesus, texto portuguez.....	500
Schira: — Sognai, texto italiano.....	300
» L'ultima lagrima, texto italiano.....	300

Violino e piano

Hussia: — Feuille d'album.....	600
---------------------------------------	-----

Piano só

Battmann: — Aida, petite fantaisie.....	400
Bellando: — Melodia romantica.....	400
» Nostalgia.....	400
Bomtempo: — Chrysantème, menuet.....	500
Braga: — Perle du Chiado, valse.....	400
Brinita: — Romance sans paroles.....	600
» Menuet.....	400
Carpentier: — Aida, transcription facile.....	300
Colaço: — Fado Hylario.....	600
» Fado corrido e Fado do Pintasilgo.....	800
Daddi: — Rimembranza, valsa.....	400
Furtado: — Zininha, valsa.....	500
Hussia: — Quarta Rapsodia portugueza.....	800
Lacerda: — Canção do Berço.....	400
» Lusitanas, valsas.....	600
Mackee: — Caressante, valsa.....	500
» Honey Moon, valsa.....	500
Mantua: — Grata, valsa.....	500
» Pas de quatre (Broinhas de milho).....	500
» P'ra inglez vêr, valsa.....	500
Mascarenhas: — Celeste, polka.....	300
Oesten: — Clochette des Alpes.....	400
Oliveira: — Caldas Club, pas-de-quatre.....	500
Pereira: — Lisboa á noute, valsa.....	500
Pinto: — Confidence, valsa.....	500
Rover: — Arte Nova, valsa.....	500
Sapetti: — Espoir d'amour, valsa.....	500
Collecção de Fados	800

GRANDE SORTIMENTO DE MUSICAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS DE TODAS AS EDIÇÕES

PROFESSORES DE MUSICA

Adelia Heinz , professora de piano, <i>Rua do Jardim á Estrella, 12</i>
Alberto Lima , professor de guitarra, <i>Rua da Conceição da Gloria, 23, 3.º</i>
Alberto Sarti , professor de canto, <i>Rua Castilho, 34, 2.º</i>
Alexandre Oliveira , professor de bandolim, <i>Rua da Fé, 48, 2.º</i>
Alexandre Rey Colaço , professor de piano, <i>R. N. de S. Francisco de Paula, 48</i>
Alfredo Mantua , professor de bandolim, <i>Calçada do Forno do Tijolo, 32, 4.º</i>
Andrés Goni , professor de violino, <i>Praça do Principe Real, 31, 2.º</i>
Antonio Soller , professor de piano, <i>Rua Malmerendas, 32, PORTO</i>
Candida Cilia de Lemos , professora de piano e orgão, <i>L. de S. Barbara, 51, 5.º, D.</i>
Carlos Gonçalves , professor de piano, <i>Travessa da Piedade, 36, 1.º</i>
Carlos Sampaio , professor de bandolim, <i>Rua de Andaluz, 5, 3.º</i>
Eduardo Nicolai , professor de violino, <i>informa-se na casa LAMBERTINI</i>
Ernesto Vieira , <i>Rua de Santa Martha, A.</i>
Flora de Nazareth Silva , prof. de piano, <i>Rua dos Caetanos, 27, 1.º</i>
Francisco Bahia , professor de piano, <i>Travessa do Noronha, 16, 1.º</i>
Francisco Benetó , professor de violino, <i>informa-se na casa LAMBERTINI.</i>
Guilhermina Callado , prof. de piano e bandolim, <i>R. Paschoal Mello, 131, 2.º, D.</i>
Irene Zuzarte , professora de piano, <i>Rua José Estevam, 27, 3.º D.</i>
Isolina Boque , professora de piano, <i>Travessa de S. José, 27, 1.º, E.</i>
João E. da Matta Junior , professor de piano, <i>Rua Garrett, 112.</i>
Joaquim A. Martins Junior , professor de cornetim, <i>R. das Salgadeiras, 48, 1.º</i>
José Henrique dos Santos , prof. de violoncello, <i>R. S. João da Matta, 61, 2.º</i>
Julietta Hirsch , <i>Rua Raphael d'Andrade, R. G., 3.º</i>
Leon Jamet , professor de piano, orgão e canto, <i>Travessa de S. Marçal, 44, 2.º</i>
Lucilia Moreira , professora de musica e piano, <i>T. do Moreira, 4, 2.º</i>
M.ª Sanguinetti , professora de canto, <i>Largo do Conde Barão, 91, 4.º</i>
Manuel Gomes , professor de bandolim e guitarra, <i>Rua das Atafonas, 31, 3.º</i>
Marcos Garin , professor de piano, <i>Rua de S. Bento, 98, 1.º</i>
Maria Margarida Franco , professora de piano, <i>Rua Formosa, 17, 1.º</i>
Octavia Hansch , professora de piano, <i>Rua Palmira, 10, 4.º, E.</i>
Philomena Rocha , professora de piano, <i>Rua de S. Paulo, 29, 4.º, E.</i>
Rodrigo da Fonseca , professor de piano e harpa, <i>Rua de S. Bento, 137, 2.º</i>
Victoria Mirés , professora de canto, <i>Praça de D. Pedro, 74, 3.º, D.</i>

A ARTE MUSICAL

Preços da assignatura semestral

PAGAMENTO ADIANTADO

Em Portugal e colonias	1\$200
No Brazil (moeda forte).....	1\$800
Estrangeiro.....	Fr. 8

Preço avulso 100 réis

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração

Praça dos Restauradores, 43 a 49 — LISBOA